

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA SURDEZ NAS INSTITUIÇÕES SOCIAIS NA PANDEMIA

DEAFNESS' SOCIAL REPRESENTATIONS IN SOCIAL INSTITUTIONS IN THE PANDEMIC

REPRESENTACIONES SOCIALES DE LA SORDERA EN INSTITUCIONES SOCIALES DURANTE LA PANDEMIA

Carla Georgia Travassos Teixeira Pinto

Doutoranda em Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará.

<http://orcid.org/000-0002-2346-9640>

E-mail: carlageorgia24@yahoo.com.br

Alda Cristina Costa

Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia.

<https://orcid.org/0000-0002-8430-5703>

E-mail: aldacosta@ufpa.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar discursos e narrativas contidas em textos produzidos por discentes surdos, experiência empreendida por docente lotada em sala de leitura em um processo educacional desenvolvido durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. Neste relato de experiência chamamos atenção às representações sociais fundamentadas em concepções de incapacidade e diferença. A proposta foi desenvolvida exclusivamente por intermédio das TICs, remotamente, na cidade de Belém-PA. O objetivo principal deste trabalho foi estimular os alunos a prosseguirem os estudos remotos, a partir de suas casas. Metodologicamente, trata-se de estudo descritivo com abordagem qualitativa. Como referências, recorreremos a Jovchelovitch (1997; 2000), Moscovici (1978; 2003; 2015), Santaella (2001), entre outros. Asseveramos que o uso das TICs na educação de discentes surdos apresenta infinitas potencialidades, sobretudo nos aspectos relativos à comunicação, à cultura, ao letramento e ao processo de emancipação humana, assim como implica incontáveis desafios para implementar a educação inclusiva.

Palavras-chave: representações sociais; cidadania; identidade; pandemia; redes sociais.

ABSTRACT

This article aims to analyze discourses and narratives in texts produced by deaf students, an experience undertaken by a teacher assigned to a reading room in an educational process developed during the COVID-19 pandemic in Brazil. In this experience report, we call attention to the social representations based on disability and difference conceptions. The proposal was developed exclusively through ICTs, remotely, in the city of Belém-PA. This work main objective was to stimulate students to pursue remote studies from their homes. Methodologically, this is a descriptive study with a qualitative approach. As references, we resorted to Jovchelovitch (1997; 2000), Moscovici (1978; 2003; 2015), Santaella (2001), among others. We assert that ICTs usage in deaf students' education has infinite potential, especially in communication-related, culture, literacy, and the process of human emancipation aspects, as well as implies countless challenges to implement inclusive education.

Keywords: social representations; citizenship; identity; pandemic; social networks.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar los discursos y narrativas contenidos en textos producidos por estudiantes sordos, experiencia llevada a cabo por docente trabajando en sala de lectura, en un proceso educativo desarrollado en Brasil durante la pandemia. En este relato de experiencia, llamamos la atención sobre las representaciones sociales, basadas en concepciones de incapacidad y diferencia. La propuesta se desarrolló exclusivamente a través de las TIC, de forma remota, en la ciudad de Belém-PA. El objetivo principal de este trabajo fue incentivar a los alumnos a continuar sus estudios en casa, a distancia. Metodológicamente, se trata de un estudio descriptivo con enfoque cualitativo. Como referencias, recurrimos a Jovchelovitch (1997, 2000), Moscovici (1978, 2003), Santaella, (2001), entre otros. En conclusión, afirmamos que el uso de las TIC en la educación de estudiantes sordos tiene un potencial infinito, especialmente en aspectos relacionados con la comunicación, la cultura, la alfabetización y el proceso de emancipación humana; de igual forma, trae innumerables retos para la implementación de la educación inclusiva.

Palabras-clave: representaciones sociales; ciudadanía; identidad; pandemia; redes sociales.

Introdução

Precisamente no fim do mês de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada acerca de inúmeros casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Deste momento em diante o mundo teve conhecimento do surgimento de um novo vírus denominado coronavírus (COVID-19). Com base nas informações emitidas pelo governo chinês à Organização Mundial de Saúde (OMS), de imediato considerou-se o novo vírus ameaçador às diversas sociedades por sua capacidade de contágio e mortalidade. Em 30 de janeiro de 2020, a OMS divulgou que o novo coronavírus (COVID-19) representava Emergência de Saúde Pública de relevância internacional qualificada como pandêmica.

Em 17 de março de 2020, os governos do estado do Pará e do município de Belém anunciaram o primeiro caso confirmado de infecção por coronavírus (COVID-19) em Belém. Deste modo, autoridades de inúmeros setores se movimentaram para implementar procedimentos políticos de controle para minimizar o perigo de contágio da população, sobretudo grupos de risco.

O novo coronavírus (COVID-19) forçou severas mudanças no dia a dia das sociedades, diversas áreas foram afetadas por essas modificações, entre elas, a educação. Seguidamente a confirmação da nova cepa no estado do Pará, todas as escolas tiveram suas atividades suspensas e o Ministério da Educação se mobilizou para determinar medidas de segurança que impedissem a contaminação pela COVID-19 nas escolas. O desafio primordial à educação brasileira naquele momento era garantir que os estudantes tivessem sua formação afetada minimamente.

O propósito deste artigo é apresentar um relato de experiência da autora principal,

que trabalha na docência do ensino regular, mais precisamente na sala de leitura, em propostas pedagógicas desenvolvidas com sujeitos surdos regularmente matriculados em uma escola pública municipal em 2020 e 2021, em Belém-PA.

O *corpus* de análise foi selecionado a partir da observação da situação de seis discentes surdos (quatro mulheres e dois homens), entre 12 e 16 anos, que não teriam acesso à educação nos anos mencionados anteriormente, pois a instituição municipal não estava preparada para incluí-los na nova modalidade de ensino resultante da pandemia. A inclusão desses discentes ocorreu a partir de uma ação individual e isolada de uma das pesquisadoras, com domínio da Libras (Língua Brasileira de Sinais), lotada na sala de leitura da respectiva escola, que decidiu atender aos discentes surdos na modalidade de ensino remoto.

Este artigo tem como principal objetivo relatar uma experiência para incentivar os alunos a prosseguirem seus estudos remotamente, em casa. Além disto, debater conceitos e representações para analisar e discutir as produções textuais realizadas por esses sujeitos surdos, considerando as narrativas e representações sobre os surdos no que se refere aos desafios impostos na modalidade remota de ensino. Devido à práxis dialógica e inclusiva, fortaleceu-se nos discentes surdos o engajamento na realização das atividades propostas.

Diálogo teórico: conhecendo um pouco da história surda

O desenvolvimento educacional de sujeitos surdos sempre foi determinado por deliberações políticas que compreendem julgamentos de valor a respeito de sua condição humana. Por conseguinte, formaram-se distintas práticas educativas no transcorrer da história. Observar ao preceito construtivo das desiguais formas sociais da época, visto que esses cidadãos nunca deixaram de ser sujeitos históricos. Percebemos que este procedimento foi assinalado por distintas significações atribuídas pelo ser humano, alicerçadas em convicções de mundo e da sociedade de cada época. Compreendemos que tal processo não se limitou às pessoas surdas, mas alcançou todos os integrantes da sociedade, atribuindo predicativos, julgando e classificando com base nessas concepções.

Desta forma, podemos afirmar que em cada período da História da humanidade princípios de perfeição humana refletem os ideais daqueles que assenhoreiam o poder político e econômico, ou, melhor dizendo, “o poder material, o poder espiritual”, nas

palavras de Marx e Engels (1998, p. 48), isto é, as representações. Depreendemos que este é um dos itens principais a ser refutado ao se sugerir entender o processo educacional em geral e, neste contexto em especial, o de sujeitos surdos, porquanto entenderemos as verdadeiras causas das “rachaduras” entre uma maneira de idealizá-los como defeituosos, pessoas de segunda classe, não detentores de alma, anti-cidadãos.

Sendo assim, necessitamos ressaltar que a educação sempre foi direito da aristocracia, das classes hegemônicas de todas as sociedades, de modo que não aplicável a todos os seus componentes, tivessem estes uma diferenciação ou não. Alusões à educação de sujeitos surdos surgem a partir do século XVI, com mentores de filhos surdos das famílias nobres e da alta burguesia. Tais mentores eram comumente médicos ou religiosos que trabalhavam para “desmutização” desses sujeitos, a fim de torná-los aptos a administrar e controlar sua herança e seus patrimônios.

Portanto, as estratégias e os métodos usados nessa primeira fase histórica privilegiavam a capacidade de oralizar, condecorada por sua importância para a humanidade, pois pela linguagem oral transmitem-se ideais, costumes e tradições de cada povo, além de ser condição para estar em diálogo com Deus, objetivo soberano na Idade Média. Podemos afirmar que, neste período, a cultura dominante em todas as sociedades humanas era oral. A fala oral apenas deixou de habitar este espaço com o surgimento da imprensa, em 1440, por Gutemberg, tornando a escrita indispensável instrumento de acesso aos conhecimentos e às informações, como também à palavra de Deus presente na Bíblia.

À vista disso, importa ressaltar que a escrita existe desde muito antes como regalia de poucos cidadãos, e sua propagação por meio da reprodução em papel pode ser reputada um dos protótipos tecnológicos da humanidade. É de suspeitar que, para os sujeitos surdos, tal acontecimento colaborou, e muito, para concretização de hodiernas possibilidades educacionais, correlacionando as perspectivas visuais da escrita com as perspectivas gestual-visual da Língua de Sinais. No decorrer de um longo período esta combinação viabilizou significativo desenvolvimento da educação de sujeitos surdos, somada à criação da primeira escola pública para pessoas surdas em Paris, em 1760, cuja principal particularidade era a educação gestual.

Embora outras instituições escolares semelhantes surjam no mesmo período, a fala oral tinha primazia no processo educativo dos surdos. Contemplamos, conseqüentemente,

a educação dos sujeitos surdos emergindo no cerne das solicitações por escolas públicas para a nova sociedade que se introduzia a partir da revolução francesa, e que, por meio de métodos mais desenvolvidos e eficientes de ensino com experiências visuais (tanto a Língua de Sinais quanto a escrita), cooperava para inclusão desses sujeitos no mercado de trabalho.

A língua escrita é reconhecidamente patrimônio individual que compete a cada cidadão conquistar. Similarmente, transformou-se em premissa de cidadania para os sujeitos surdos. Portanto, predomina nas sociedades ocidentais da cultura escrita.

Contudo, a complexificação da indústria, as invenções tecnológicas e os avanços da medicina transformaram os caminhos da educação desses sujeitos. Novas habilidades tornaram-se essenciais no mundo do trabalho, porquanto novas informações foram exigidas dos trabalhadores para lidar com os equipamentos modernos, de maneira que dominar a leitura e a escrita não era suficiente para os trabalhadores, assim como para os sujeitos surdos.

Simultaneamente, um progressivo movimento em torno das descobertas na área audiofônica viabilizou a reabilitação da audição para grande parcela das pessoas surdas, além de novas técnicas de oralização e desmutização. O telefone e o audiômetro foram os primeiros aparelhos de amplificação sonora. Associados às conquistas do estudo da anatomia humana e às técnicas cirúrgicas, permitiram padrões contemporâneos que reorientaram o processo educacional de sujeitos surdos. Neste sentido, houve predileção pela presença clínico-terapêutica na restauração da fala e da audição por intermédio de técnicas terapêuticas específicas, bem como utilização de aparelhos de amplificação sonora, inferiorizando as perspectivas educacionais.

O ensino da fala foi imposto a partir do fim do século XIV, fortalecendo-se até a segunda metade do século XX, quando despontaram os primeiros estudos na área da linguística a respeito da Língua de Sinais e, posteriormente, os subsídios das Teorias da Comunicação ao ensino das línguas, do que resultaram as instruções do ensino da língua oral às pessoas surdas.

A aplicação de diversos instrumentos para sujeitos surdos assimilarem à língua oral e se aproximarem dos conhecimentos e das informações transmitidos pela fala oral proporcionou-lhes um novo caminho educacional. A aprendizagem se transformou com o aprofundamento dos estudos da linguagem gestual, iniciando nova fase, menos aferrada à

língua oral, ao se perceber a importância do emprego de recursos visuais (filmes, desenhos, fotografias, e no interior destes a Língua de Sinais, embora ainda sem *status* de língua, mas de recurso auxiliar para o ensino da língua oral).

Apesar das limitações à Língua de Sinais na maior parte dos países, ressalta-se que, onde havia sujeitos surdos, havia uso dessa modalidade. Ainda que reprimida e desencorajada nas instituições escolares, bem como nas residências de sujeitos ouvintes, a Língua de Sinais continuou dinâmica nos lares das famílias surdas, nas associações e nos clubes, auxiliando a estruturação das comunidades surdas e tornando-se indispensável componente do que se concebe atualmente como “identidades surdas e culturas surdas”.

Ressalta-se que os conhecimentos em relação a esta língua se consolidam no fim do século XX, com a peculiaridade visual-espacial, e não oral-auditiva, como as línguas orais. Neste contexto, organizações sociais de surdos provocaram uma sequência de movimentos em benefício da aplicação dessa modalidade de língua no processo de ensino de sujeitos surdos em diversas partes do mundo. Com efeito, tornou-se língua oficial das comunidades surdas, a ser aplicada na formação educacional e de pensamento desses indivíduos, partilhada por diversos pesquisadores e educadores ouvintes.

Na segunda metade do século XX surgiram as organizações mundiais das comunidades surdas por uma educação bilíngue, que considerasse sua língua e sua cultura. Tais demandas estão articuladas no movimento mundial deste período de luta pelos Direitos Humanos (individuais e coletivos) de todas as categorias, tais como negros, indígenas, mulheres, homossexuais, surdos, entre outros. Em síntese, todos os grupos considerados inferiores pela aristocracia hegemônica estão introduzidos nas Organizações Sociais.

Portanto, os estudos a respeito da educação de sujeitos surdos saem do domínio da medicina e integram uma nova esfera de pesquisa no território da cultura e da educação, não obstante, restritos, em seu fundamento antropológico amplo, ao espaço das sociedades industriais contemporâneas, que debate conteúdos como identidades, sexualidade, gênero, multiculturalismo, modernidade e globalização.

Há muito a ser debatido, problematizado e discutido em relação a este objeto de estudo. O que tencionamos discutir aqui não se limita a um efêmero giro pela história da educação de sujeitos surdos, nem procuramos compreender todos as particularidades inerentes a ela.

A seguir, discutiremos as representações sociais da surdez para compreendermos como repercutem nos processos de escolarização e nos projetos de vida dos surdos.

As narrativas que permeiam as representações sociais de surdos

Este artigo apresenta discussões acerca das narrativas difundidas na sociedade a respeito dos sujeitos surdos, ao julgar que tais narrativas são representações que evidenciam como a sociedade percebe tais indivíduos, e que se singularizam em momentos históricos diferentes, nos quais ora os determina como sujeitos patológicos e incompetentes, ora como componentes de um grupo minoritário com singularidades linguísticas que devem ser consideradas e reconhecidas.

Os relatos, conforme Santaella (2001), mostram-se em distintos gêneros, amparados por diferentes linguagens, processando-se associados às linguagens escritas, orais ou por imagens fixas, ou móveis, movimentos ou combinações arrumadas de todas as constituições. E, “sob estas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade” (BARTHES, 1971, p. 18 apud SANTAELLA, 2001, p. 317). Assim sendo, o procedimento de narrar pertence à essência humana, “vivemos as nossas relações conosco mesmos e com os outros narrando. Nossa vida é uma teia de narrativas na qual estamos enredados” (MOTTA, 2013, p. 17).

As representações sociais, segundo os estudos de Moscovici, estabelecem-se em uma “formação de um outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, num contexto social preciso” (MOSCOVICI, 1978, p. 24). Deste modo, as representações sociais se produzem sobretudo quando as pessoas estão reveladas às instituições, aos meios de comunicação de massa e ao legado histórico-cultural da sociedade. O conhecimento extraído do senso comum é reconhecido, transformando o não familiar em familiar, de maneira que o saber cotidiano do sujeito seja reputado, produzindo ruptura com a preponderância da compreensão científica. Segundo Moscovici (2003), as representações sociais se instituem como:

Um conjunto de conceitos, preposições e explicações criada na vida cotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente, na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podem ainda ser vistas com a versão

contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 2003, p. 28).

Segundo Jovchelovitch (2000), a edificação das representações sociais tem disposições históricas e sociais demonstradas como componentes fundamentais nos procedimentos de ancoragem e objetivação. À vista disto, a autora, emblemática e paradoxalmente, interpela que, enquanto acontecimento, as representações sociais agregam em sua organização interna:

Permanência e diversidade, tanto a história como a realidade. Elas contêm em si a mudança e a resistência a mudança. A resistência à mudança se expressa pelo peso da história e pela tradição, que impinge sobre os processos de ancoragem e objetivação. As sementes da mudança são encontradas no meio essencial das representações sociais, notadamente a conversação. A fala é precisamente o produto de um processo, contínuo de diálogo, conflito e confrontação entre o novo e o velho, de ideias que se formam precisamente enquanto são faladas (JOVCHELOVITCH, 2000, p. 41-42).

Similarmente, a comunicação apresenta uma proporção formativa nesse mecanismo e o senso comum é excelente impulsionador desse procedimento dialógico. Por conseguinte, o dia a dia é o cerne da perscrutação psicossocial, pois nele são desenvolvidas, compartilhadas e reelaboradas as representações sociais.

Jovchelovitch (1997) apresenta as representações sociais como técnica produzida por atores sociais “para enfrentar a adversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente” (JOVCHELOVITCH, 1997, p. 42). Neste sentido, compreende-se que as representações sociais reclamam um caráter tanto alusivo quanto construtivista, pois sempre estão na posição de reproduzir alguma ideia, capazes de rerepresentar, sendo assim móveis, versáteis e em contínua transformação, descobrindo na fala, na conversação, o ambiente fértil e o espaço para se modificar.

As representações sociais ocorrem em vários momentos, situações e ambientes em que sujeitos se encontram e se comunicam, onde se processa a vida cotidiana, bem como nos domínios de convicções e concepções particulares de diferenciados segmentos e grupos populacionais. Tais narrativas não são neutras e têm consequências à vida das pessoas.

Representações sociais são, por conseguinte, modalidades de conhecimento prático dirigidas à comunicação e para o entendimento do contexto social que

vivenciamos, que se expressam por meio de conceitos, categorias, imagens, teorias, mas não se limitam aos segmentos cognitivos. Isto posto, são fenômenos sociais realizados nas funções simbólicas, ideológicas e das formas de comunicação onde circulam.

A comunidade surda na pandemia: os processos comunicacionais na instituição escolar

A pandemia penetrou o dia a dia da sociedade e revelou suas dessemelhanças, inclusive em relação à organização educacional, como na discrepância de acesso a conhecimentos e tecnologia em diversas instituições, sobretudo do sistema educacional público.

Todos que tinham relação com os sistemas de ensino foram alvejados — docentes, discentes, diretores, coordenadores pedagógicos, famílias, enfim, a sociedade brasileira de modo geral, todavia, com intensidades diferenciadas, alguns mais severamente.

Nesse contexto, salienta-se a condição do discente com deficiência, expressivamente impactado perante o inesperado fechamento das instituições escolares e da inexistência de uma organização educacional que conseguisse atender suas necessidades. Similarmente, na conjuntura de pandemia são relevantes as atribuições da escola e suas intervenções diante da circunstância inusitada, a fim fortalecer para o exercício de um sistema educacional inclusivo.

No tocante ao discente surdo, certifica-se, repetidamente, que foi ignorado, como se não necessitasse do espaço escolar para se comunicar, pois as escolas representam um ambiente essencial no processo de comunicação, afirmação da cultura surda, e, somado a isto, um relevante lugar de trocas e interlocução, de modo que seu fechamento destinou o jovem surdo a um paradigma ultrapassado de isolamento.

Assim sendo, em relação ao direito à educação, onde está aplicada a lei de inclusão neste momento de pandemia? É importante ressaltar que o direito à educação está legitimado nos valores de cidadania e dignidade da pessoa humana, elementos fundamentais ao Estado Democrático de Direito. Ademais, é “condição para a realização dos ideais de República de construir uma sociedade livre, justa e solidária, nacionalmente desenvolvida, com a erradicação da pobreza, da marginalização e das desigualdades sociais e regionais, livres de quaisquer formas de discriminação” (BRASIL, 1988, p. 18).

Consequentemente, a instituição escolar, que sempre manifestou e ainda manifesta

obstáculos para laborar com o sujeito surdo na condição de regularidade, de acordo com as necessidades da pandemia presentemente experimentada, deixou demonstrações de sua incapacidade. Apesar disso, a instituição escolar é identificada como o “locus da equidade”, de modo que deve assegurar a todos os discentes matriculados, incluindo os surdos, acesso democrático à cultura, impedindo ações que assinalem desigualdade. Ela deve trabalhar para que a instituição escolar seja verdadeiramente inclusiva, mesmo em tempos de pandemia.

É importante ressaltar que o trabalho realizado pelas autoras se processou de forma solitária, porquanto, como mencionado acima, nem a Secretária de Educação e Cultura pensou em um trabalho direcionado para os discentes com necessidades especiais, além de vários docentes não aceitarem interagir com os sujeitos surdos na hodierna crise sanitária.

Em tal contexto, testemunhou-se a invisibilidade, a negação desses sujeitos como cidadãos perante a sociedade e as instituições sociais que deveriam incluí-los nas agendas de atendimento, como a qualquer outro cidadão brasileiro. “Quem inaugura a negação dos homens não são os que tiveram a sua humanidade negada, mas os que a negaram, negando também a sua” (FREIRE, 1987, p. 16). Salientamos que a ação antidialógica na instituição escolar promove a negação da existência do outro, além de uma forma de violência e de perpetuação da opressão e da alienação. Por consequência, incentiva a acomodação fruto da prescrição, minimizando as decisões e fazendo com que se perca a capacidade de opinar, impedindo a autonomia. A acomodação implica mero ajustamento e consequente massificação, situação em que a liberdade do sujeito e sua autonomia são negadas, rebaixando o homem à condição de objeto, promovendo assim a absolutização da ignorância.

Nesse enquadramento, busca-se a definição de democracia em Coutinho (1999), “democracia é sinônimo de soberania popular” (COUTINHO, 1999, p. 42). Melhor dizendo, consegue-se interpretá-la como o aparecimento legítimo das premissas sociais e institucionais que viabilizam aos cidadãos a atuação dinâmica na constituição do governo e, por conseguinte, no domínio da vida social. Refletindo a partir de Coutinho (1999), os sujeitos edificam comunitariamente todos os bens sociais, toda produtividade material e cultural, bem como todas as instituições sociais e políticas. Entretanto, não são instruídos, em razão da divisão heterogênea de classes, para se apossar verdadeiramente do que

produzem.

Fundamentada em Coutinho (1999), entendemos que uma das concepções mais adequadas para compreendermos como pode ocorrer essa reapropriação dos bens sociais pelos sujeitos surdos é o conceito de cidadania.

Cidadania é a capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou (no caso de uma democracia efetiva) por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto historicamente determinado (COUTINHO, 1999, p. 42).

Indo mais adiante, buscamos em Chantal Mouffe (1996) os conceitos de cidadania e o de cidadão, compreendidos a partir de sua concepção de uma democracia radical, moldada com todos os assenhoramentos liberais para o sujeito e igualmente com a continuidade da construção “agonística” no cerne de uma sociedade que, ao viabilizar aos sujeitos pluralidade, representa engajamento conforme suas preferências habituais a uns e em oposição a outros, o que Mouffe denomina *identidade*.

Em vista disso, a cidadania, segundo Mouffe (1996), movimenta-se entre procedimentos ajustados ao que o contexto social outorga e se confirma com múltiplas identidades. A cidadania institui um combate agonístico em um universo plural radical, dinâmico, não absolutamente determinado, motivador eficaz de certificação de liberdade de si e, automaticamente, do outro, interpelando o poder hegemônico de padrão de normalidade, principiando em divergências representativas, compreendendo que se procede dentro um processo interminável.

Metodologia

Este é um estudo descritivo, um relato de experiência alicerçado em intervenções produzidas no ensino remoto para discentes surdos na cidade de Belém, no estado do Pará, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental em 2020 e 2021, que atende a seis discentes surdos regularmente matriculados.

As intervenções foram elaboradas pela professora da sala de leitura, uma das autoras deste artigo, a qual possui domínio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Empregaram-se alguns instrumentos tecnológicos digitais, tais como: *Whatsapp*, o aplicativo *Zoom*, *Instagram*, e-mail, *YouTube*, entre outros, que estimularam a

aprendizagem dos discentes surdos nesse período de isolamento social.

O desenvolvimento ocorreu com a interatividade dos discentes surdos junto aos seus familiares, bem como com a contribuição da professora de sala de leitura para estabelecer contínua comunicação e troca de conhecimentos por intermédio da Libras e da língua portuguesa como L2.

A sistematização do trabalho decorreu da seguinte forma:

- ✓ Inicialmente, dialogar com os familiares acerca da comunicação realizada entre o núcleo familiar e o sujeito surdo em casa;
- ✓ Destacar a relevância de prosseguir com os diálogos, trocando experiências entre os diversos membros da família, os colegas da turma e, como não poderíamos deixar de mencionar, à respectiva professora;
- ✓ Indagamos se poderíamos registrar os momentos de interação com fotos para acrescentar aos relatórios da experiência;
- ✓ Esclarecemos que nossos encontros por intermédio das redes sociais ocorreriam três vezes por semana, em horário determinados por eles.
- ✓ Dialogar com os discentes surdos através das redes sociais, direcionando-os como serão elaboradas nossas ações;
- ✓ Expomos as temáticas das nossas aulas, esclarecendo que terão como referência o dia a dia em seus lares com seus familiares;
- ✓ Finalizando, organizarmos a cada semana, em acordo com os discentes surdos, um tema a ser discutido e trabalhado.

Tal ordenação para produção das atividades fortaleceu nossos laços afetivos por intermédio da Libras. Similarmente, demos continuidade ao desenvolvimento da escrita em Língua Portuguesa como L2, eventos ocorridos através das redes sociais. Os expedientes usados foram nas modalidades visuais, como imagens, reportagens, materiais impressos, textos compartilhados por meio de *Whatsapp* e vídeos do *YouTube*, entre outros que contribuíram para o desenvolvimento da comunicação entre os discentes e a docente. As orientações para a intervenção deste projeto foram baseadas nas produções escritas com os gêneros produzidos: notícias jornalísticas associadas ao hodierno contexto histórico, artigos jornalísticos relacionados à pandemia, às questões sanitárias mundiais, bem como às *fake news*.

As orientações ocorreram por videochamadas, com interlocuções para discutir os procedimentos que fortaleceriam o tipo de gênero escolhido. Os discentes organizaram todas as recomendações em seus cadernos. Coadunados com suas respectivas famílias, apresentaram vídeos dialogando com seus familiares aspectos mais relevantes relacionados às notícias, aos artigos jornalísticos e *fake news* (destaca-se como influenciam opiniões e posturas da sociedade), bem como as imagens da escrita dos gêneros.

O acesso à Libras é essencial para a edificação da identidade do sujeito surdo em todas as suas vertentes (linguística, cognitiva e social), asseverando seu direito de cidadão por meio do uso e respeito da sua língua no processo comunicativo.

Buscamos refletir sobre a escrita dos respectivos discentes meditando o alcance da escrita em língua portuguesa como conhecimento de uma segunda língua, subordinada aos erros e problemas como qualquer pessoa que esteja desenvolvendo uma determinada língua estrangeira. O foco de investigação não foi a produção gramatical, mas a habilidade dos discentes surdos com a linguagem para construir enunciados e mostrar leitura de mundo. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1987, p. 13). Por conseguinte, não basta refletir a respeito, mas é necessário que tal reflexão conduza o homem a uma ação transformadora da realidade, fazendo-o pensar a respeito de seus desejos, vontades e à produção de sua história.

Para a coleta de dados foram escolhidos alguns textos elaborados pelos sujeitos surdos e seus familiares.

Resultados e discussão

O estudo efetuado outorgou uma análise acerca das particularidades do discente surdo como sujeito histórico-ideológico, o papel que ocupa na sociedade, seu posicionamento social e ideológico que perpassa as relações humanas. Neste contexto, compreendemos as construções ideológicas que influenciaram a escrita de seus textos, os quais foram erguidos com base nas publicações divulgadas pelas redes sociais. Destacamos que as diferenças estruturais entre as línguas de sinais e línguas orais justificam o texto produzido.

Os fragmentos a seguir foram retirados dos textos elaborados pelos discentes surdos, referentes ao posicionamento dos presidentes Donald Trump e Bolsonaro em

relação à Pandemia, relações familiares e tudo o que eles sentiam necessidade de falar.¹

Os textos I e II foram desenvolvidos por C. A. R., uma jovem de 16 anos cursando a 3.^a etapa na modalidade EJA, diagnosticada com surdez congênita, neurossensorial, profunda e bilateral, em consequência de meningite materna. Ela conseguiu ter contato com a Libras como primeira língua ainda na infância e desenvolveu a língua portuguesa como segunda língua.

1. “Trump mes passado não usa máscara, meu pai fala que ele não tem medo da Covid-19, vi Jornal Nacional que ele pegou a Covid-19 rapido começou usar mascara. Agora ele tem medo, sentir pele dele doença” (Trump no mês passado não usava máscara, meu pai fala que ele não tem medo da Covid-19, vi no Jornal Nacional que ele pegou a Covid-19, rápido começou usar a máscara. Agora, ele tem medo, sentiu na sua pele a doença.)
2. “Meu casa não sai sem máscara, mas vizinho quer ser igual Trump e Bolsonaro não usa máscara. Meu pai e ele discutir outro dia.” (Na minha casa ninguém sai sem máscara, mas meu vizinho quer ser igual ao Trump e ao Bolsonaro, que não usam máscara. Meu pai e o vizinho discutiram outro dia.)

Os textos III, IV V e VI foram criados por J. F. S. B., jovem de 12 anos regularmente matriculada no CI, 3.^o ano do ensino fundamental, que apresenta um quadro de surdez neurossensorial profunda e bilateral, de causa desconhecida. Assim como aconteceu com sua mãe, sua surdez foi diagnosticada quando tinha 2 anos de idade.

3. “Não sai casa, minha escola fechada, saudade aula. Ano não fui para o colégio, meu caderno esta novo, não pode sair amigo morreu triste vou moorer tambem quero escola pofesora cala” (Não posso sair de casa, minha escola fechada, saudade das aulas. Este ano quase não fui a escola, meu caderno está novo, não posso sair, meu amigo morreu estou triste, será que vou morrer também? Quero ir para minha escola professora Carla.)
4. “mae fala para fica cama comida pequena não pode repeti meu pai não trabalho e qui casa minha esta muita fome meu irmão bate eu eu oro para deu tira mina familia

¹ Pela estrutura da Língua Brasileira de Sinais, os textos escritos pelos sujeitos surdos foram transcritos para Língua Portuguesa pela autora principal, que possui domínio da Libras.

fome” (Mãe fala para ir cedo para cama, pois tem pouca comida, não podemos repetir, meu pai está sem trabalhar e, aqui em casa há muita fome, meu irmão me bate muito, oro para Deus tirar minha família da fome.)

5. “Pofesra olho vidio senhora deu gosto pai não dexa eu pega célula ele diz que coisa diabo não poso ve. Sehora pode da um livro eu le minha mae gosta le pofesra rua morte miha tia” (Professora não pude ver o vídeo que a senhora mandou, meu pai não deixa pegar no celular, ele diz que é coisa do “diabo”, não posso ver as atividades direito, a senhora poderia mandar um livro para eu ler? Minha mãe gosta de ler também professora, a minha tia morreu também ela morava na minha rua.)
6. “Pofesra meu pai gosta do bosoznro agora ele fala nao fica casa ir pa escola o bosoznro prdi toma remédio meu pai dize vai compa todo mundo vai toma poque tia moreu pai fica trite pofesra televisão muita pesso morredo medo não quer fica casa meu pai batemuito mamãe e irmão chora muito” (Professora, meu pai gosta do Bolsonaro, ele fala para não ficarmos em casa, devemos ir para a escola. O Bolsonaro pediu para tomarmos o remédio (Cloroquina), meu pai vai comprar para todos nós tomarmos, minha tia morreu e meu pai está triste professora. A televisão mostra muitas pessoas morrendo, tenho medo de ficar em casa, meu pai bate muito em minha mãe meu irmão chora muito,).

Os textos VII, VIII, IX foram criados por M. C. S. S., rapaz de 14 anos, discente regularmente matriculado no CII, 1.º ano do ensino fundamental, que apresenta grave quadro de surdez congênita, neurosensorial, profunda e bilateral, em consequência de Sífilis materna durante a gestação. M. C. S. S. possui relativo domínio da Libras como primeira língua, mas a maior parte do que desenvolveu é considerada “sinais caseiros”. Seu único contato com mundo externo se resume à instituição escolar, não frequentando nenhuma instituição de apoio como, por exemplo, o Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às pessoas com Surdez (CAS/COEES-SEDUC-PARÁ).

7. “tv fala doenca o pezidete bosonar manda remdio mame não copra mame fala metira pezidete ele quermata ni nos porke ele noa que da dinehito para ni nos na tv vi pessoa morte pezidete fala metira não vedade eu noa goto dele ele mau ele gota do Trum p ele noa gota do brasi teno medo mame morte nigem fica comijo mina

mame fala tudo tv e metira no apesta” (A televisão fala da doença e o presidente Bolsonaro manda tomar remédio (Cloroquina), mamãe não vai comprar, mamãe fala que é mentira do presidente, ele quer nos matar para não dá dinheiro do auxílio emergencial, na televisão, se fala de mortes, mas o presidente fala que é tudo mentira, não é verdade, eu não gosto dele, ele é mau. Ele gosta do Trump e o Trump não gosta dos brasileiros. Tenho medo que minha mãe morra, não tenho ninguém para ficar comigo. Minha mãe fala que tudo na televisão é mentira, não presta.)

8. “onte tv o peszidete manda ni nos para hopita porque metira tv noa pesoa noa ten covi19 noa metira escola abeta mamefala doido mame fala pezidete doido mata nos mame noa cosegui dineiro goveno ele mau mau mau” (Ontem, o presidente mandou as pessoas invadirem os hospitais, porque é tudo mentira o que os jornais falam, não tem pessoas morrendo com Covid-19, como noticiado, minha escola está aberta? Minha mãe fala que esse presidente é doido, ele que nos matar para não dar o dinheiro do auxílio emergencial, dinheiro do governo, ele é mau, mau e mau.)
9. “pofezora cala muita sudade sehora noa consegi encota fifura deve noa consegi digici demai poxo escola fala sehora teto meu caio cuva vemto levou tudo pofezora cala deve sehora deu noa consegi noa etendi difici” (Professora Carla, estou com muita saudade da senhora, não consegui encontrar a figura que a senhora pediu, não consegui é difícil demais professora Carla. A chuva forte veio e levou o telhado da minha casa, levou tudo professora Carla. O exercício que a senhora passou não consegui fazer, não entendi, é difícil.)

Análise dos textos I e II

A produção textual de C. A. R. revela que a Libras ofereceu estrutura linguístico-cognitiva para a jovem questionar a dicotomia entre a ciência e a imperícia governamental no seu texto escrito em Língua Portuguesa como L2. Salienta-se que C. A. R. tem domínio da Libras, inferimos que seu texto é composto por lógica, demonstrando atributos irrefutáveis de coesão, os quais tornam sua comunicação inteligível. Evidenciamos em seu discurso questionamentos pungentes em relação às posturas dos presidentes Trump e Bolsonaro e como podem gerar conflitos a partir de seus comportamentos equivocados.

Logo, compreende-se que as relações humanas entre duas pessoas ou entre grupos

conjecturam representações, dado que isto as distingue. Geralmente nos defrontamos com pessoas ou determinados instrumentos e nos habituamos a eles, implementando representações que se apresentam como resultado de nossas dinâmicas de comunicação, quando aptos a atuar na conduta do sujeito integrante de um grupo. Consequentemente, os sujeitos produzem representações no discurso da comunicação e da colaboração, não sendo capazes de produzi-las exclusivamente, e, uma vez elaboradas, ligam-se e se dividem, bem como oferecem ocasião para que se construam novas representações. “Ao criar representações, nós somos como o artista, que se inclina diante da estátua que ele esculpiu e a adora como se fosse um deus” (MOSCOVICI, 2004, p. 41). Nota-se, com base nos textos do discente C. A. R., a expressão do reconhecimento da grave crise sanitária mundial, e, mediante as notícias jornalísticas, as imagens, o aluno faz a relação entre os comportamentos antagônicos de Trump e Bolsonaro.

Percebe-se claramente que C. A. R., em seu segundo texto, relata posturas que afetam à sociedade como um todo, motivadas por ideologias políticas que contrariam as orientações da O. M. S., que eclodiram em divergências entre seu pai e um vizinho. Enfatiza-se que, quando nos comunicamos, expressamos ideias impregnadas em nós historicamente, tornando-se instrumento de extrema relevância para compreender o outro.

Análise dos textos III, IV V e VI

Nos textos de J. F. S. B. há relatos diversos de situações de angústia, violência, privações e morte. O discente aproveita a oportunidade para externar narrativas que expressam saudade do dia a dia na escola, a qual não pôde mais frequentar por conta da pandemia, bem como a respeito de seu pai, desempregado e em dificuldades financeiras que resultam em falta de alimentos para sua família, que por vezes dorme faminta.

A discente em questão narra que não pode assistir aos vídeos que a professora enviou para estudo, pois seu pai afirma serem “coisa do diabo”, de modo que seria melhor a professora mandar o livro. A discente relata a morte de um amigo e de uma tia na rua em que mora. A seguir, identificamos um entrançado de histórias relacionadas ao contexto familiar, em que o pai é uma figura presente em todas as narrativas, ora como opressor, ora como oprimido pelas hodiernas circunstâncias provocadas pela covid-19.

Analisando os diversos textos de J. F. S. B, sistematizados em Moscovici (2015), percebe-se a ação de um sujeito sobre outro, sobretudo por intermédio da comunicação do pensamento. Alguém ocasiona uma transformação no mundo exterior que, entendida por outro sujeito, é compreendida como forma de imposição de determinada concepção que deve ser acolhida como verdadeira. Assim, o maravilhoso poder da palavra, a qual oferece ao homem, através da fala, a autoridade de dizer, de exprimir, de representar, consuma-se em registros tão diversos quanto o pensamento científico, a poesia, a expressão mítica e a formação religiosa. Verificamos todos esses elementos nos respectivos textos.

Análise dos textos VII, VIII E IX

Os textos de M. C. S. S. demonstram, por intermédio das notícias jornalísticas apresentadas, sobretudo as televisivas, e sustentado pela estrutura linguístico-cognitiva da Libras, a relação de antagonismo existente entre os diversos discursos da ciência e as autoridades federais representantes de grandes nações. Inferimos que o interdiscurso de M. C. S. S. tem forte influência do discurso materno. Seus enunciados também são compostos por lógica, demonstrando períodos de angústia, solidão, ausência de atenção do poder público e dificuldades para acompanhar as atividades enviadas pela docente em questão.

Em harmonia com Moscovici (2015), considerando os textos escritos por M. C. S. S., constatamos na sua linguagem escrita os sentidos múltiplos e a revelação do inconsciente, bem como do consciente, ligados às motivações sociais: a interpretação perfeita de conflitos entre vida e morte, a irracional atuação política para combater a proliferação do respectivo vírus, e a percepção da importância da escola atrelada a dificuldade para realizar as atividades propostas. O aluno diz sentir saudade de todos, e por último relata o trágico acontecimento em que o telhado de sua casa foi levado por uma ventania.

Compreender os textos mencionados requer entendimento do sujeito em questão, de seu modo de pensar, suas visões de mundo e sua consciência reflexiva. A construção dessa consciência reflexiva se torna indispensável, pois introduz o sujeito ao mundo da palavra e da ação.

Resultados alcançados

Para execução das intervenções com as ferramentas digitais durante a pandemia, necessitamos de tempo e paciência, visto que, além de ser uma nova forma de vivência imposta à sociedade e aos discentes, obrigados a utilizar esses recursos para dar continuidade ao processo de ensino-aprendizagem, percorremos profusas realidades sociais e culturais para adquirir algumas habilidades com tais ferramentas. Outro fator de complicações diz respeito às restrições financeiras de alguns discentes para utilização constante da internet, entre outras adversidades de caráter pessoal.

Entretanto, apesar das privações, as atividades recomendadas foram realizadas de modo positivo, porquanto os discentes surdos conseguiram concluir com dedicação, interesse, e criatividade a práxis de leitura e de escrita, potencializando suas narrativas e a linguagem escrita em língua portuguesa como L2, fundamentados em notícias jornalísticas, vídeos do YouTube e *fake news* divulgados nas diversas mídias digitais. Os discentes surdos solicitaram auxílio da família para compreensão da atual situação pandêmica mundial. Ademais, os respectivos discentes puderam se comunicar com seus pais e irmãos enquanto produziam seus textos.

É relevante ressaltar que a comunicação entre os discentes surdos e suas famílias ocorreu por intermédio da Libras (Língua Brasileira de Sinais), através da qual robustecemos as relações familiares, também descritas nas produções textuais dos discentes surdos, que reproduziram as reflexões expressas em seus lares.

Ao finalizar cada atividade, os discentes surdos a enviavam à professora de sala de leitura, que avaliava os textos com a intenção de incentivar novas produções textuais. Quando indispensáveis, fazia correções para aperfeiçoamento das atividades. Neste universo, os docentes reformulam-se, compreendendo que nem todos os alunos conheciam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), assim como nem todos dispunham de recursos financeiros para permanecer on-line. As TICs refletem a educação a distância, e, a partir desta modalidade de ensino nos ambientes virtuais de aprendizagem, os discentes surdos avistam a oportunidade de cruzar conhecimentos e práticas que possam oferecer novas experiências de comunicação com outras pessoas.

Considerações finais

Não há como refutar que a pandemia possibilitou um olhar contemporâneo a

respeito da escola, em razão da sua oclusão, bem como relativo à sua efetiva indispensabilidade não apenas no aspecto pedagógico, mas assessorial, em face de sua habilidade. Como evidencia-se: “A escola fechou e o mundo fecha. Os direitos humanos acabam para muitos sujeitos”. É nesta circunstância que as desigualdades se intensificam, sendo a instituição escolar o preeminente agente de equidade.

Não se pode negar que foi no ambiente escolar — sobretudo nos posicionamentos da Secretaria de Educação e Cultura e dos docentes de sala de aula — que se certificaram as representações sociais regulares, inscritas em construtos clínico-patológicos a respeito dos discentes surdos, em pressuposto segundo os quais são pessoas limitadas, incapazes e doentes, com necessidade tratamento, de “exorcismo”, práxis que se fundamentam na ignorância e desconsideração a integridade do sujeito surdo.

Alicerçada na compreensão e, alguns discursos produzidos, conduziu-se ao entendimento, fundamentada na teoria das representações sociais, que quando os sujeitos surdos são chamados de “deficiente”, “surdo-mudo”, concretiza-se os predicamentos de classificação, determinando uma associação negativa a eles, de exclusão, por não se acharem encaixados num estabelecido modelo, ordem, ou padrão que consideram serem apropriados e aceitos socialmente.

Outro tópico comprovado no estudo está relacionado à utilização das TICs no desenvolvimento da modalidade remota de ensino para sujeitos surdos. Confirmou-se que, dadas suas características demasiadamente visuais, as TICs proporcionam um método sistemático e eficaz oportuno para pessoas surdas em isolamento domiciliar ou mesmo em comunidades. Percebe-se que a sociedade ainda não compreendeu a importância das TICs para o sujeito surdo em diversos aspectos, sobretudo, para desenvolvimento de habilidades específicas, como falar, ler e escrever, ou mesmo como simples ferramenta auxiliar do processo de comunicação com o mundo.

Desta maneira, pode-se afirmar que se alcançaram *feedbacks* relevantes em conformidade com a realidade do aluno, reconhecendo as deficiências que este tipo de modalidade de ensino representa, especialmente por necessitar de suportes tecnológicos à interatividade. Porém, diante do isolamento social e da imposição de aulas remotas, ultrapassaram-se barreiras, de modo que, juntos, docente e família podem produzir estratégias em consonância com as singularidades dos discentes surdos. Trabalhando de modo estruturado, conseguiu-se incentivar os respectivos sujeitos a participarem do

processo de aprendizagem da escrita da língua portuguesa como L2 e da Libras, no uso prático, como L1.

Destarte, infere-se que as estratégias perfilhadas para o trabalho com discentes surdos foram positivas, particularmente pelo fato da conexão entre docente e família, por intermédio das produções textuais, compreender um pouco mais do universo destes, das suas dificuldades, etc. As narrativas expressas nos textos falam de compreensões de mundo, particularmente posicionamentos políticos, sociais e de respeito da família, em relatos cheios de vida, pequenos detalhes que nos fazem ter a certeza de que os sujeitos surdos escutam muito mais que os sujeitos ouvintes.

Por fim, este estudo proporciona reflexão sobre a situação dos surdos na contemporaneidade, especialmente relativa às representações propagadas desde sempre, bem como aos julgamentos distorcidos que provocam, resultantes de percepções negativas. Assim sendo, que este artigo colabore às transformações urgentes na edificação de uma nova história a respeito dos sujeitos surdos, com a reconhecimento e respeito a sua diferença, bem como valorização de sua língua e alforria de qualquer forma de ouvintismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2022]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1.º ago. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Conselho Pleno. Parecer CNE/CP n.º 11/2020. 07/07/20. Processo n. 23001.000334/2020-21. Brasília.

COUTINHO, C. N. Cidadania e Modernidade. **Perpectivas**, São Paulo, v. 22, p. 41-59, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, S. (ed.). **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

MOUFFE, C. **O Regresso do Político**. Trad. Ana Cecília Simões. Lisboa: Gradiva, 1996.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICA DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde. COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). **Folha Informativa**, 6 abr. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 1.º ago. 2021.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal; aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

Recebido em: 26/11/2021

Parecer em: 23/012/2022

Aprovado: 20/05/2022